

Bandidos compreendem que seu fim está para breve

28/5/84

Prevido o seu fim, que está marcado para breve, os bandidos armados estão a receber ordens dos seus chefes no sentido de se «salvarem como puderem». Com efeito, uma das formas utilizadas por estes criminosos para escaparem à acção das nossas Forças, é procurar refúgio no seio da população. Outros ainda receberam ordens para destruírem tudo o que encontram pela frente e que é útil na vida das pessoas. Estes, são extractos das declarações de dois bandidos armados apresentados aos alunos das Escolas da Matola.

A apresentação dos dois bandidos armados teve lugar no passado sábado, na Escola Industrial da Matola, um encontro em que tomaram parte, mais de cinco mil alunos das escolas da zona, além de numerosas pessoas moradoras nas redondezas da Escola Industrial da Matola. O encontro foi orientado pelo Major Graça Chongo.

Para que os alunos da zona da Matola pudessem compreender melhor as acções criminosas cometidas pelos bandidos foram apresentados, na ocasião, três maquinistas de locomotivas dos CFM-Sul, nomeadamente, Filipe Francisco, Dinis Neves Maluleque e Benedito Marcos Marindze, sobreviventes de emboscadas dos bandidos. Eles, como se estivessem a ver esses momentos difíceis por que passaram, narraram as suas experiências quando caíram nas mãos assassinas dos bandidos, em locais diferentes da província do Maputo.

UMA HORA DEBAIXO DE FOGO INTENSO

Dada a palavra aos maquinistas dos CFM-Sul, o primeiro a falar foi Filipe Francisco.

— Regressávamos a Maputo. O ataque deu-se perto do quilómetro 320, para quem vem de Chicualacuala. Vinhamos num combolo misto, de carga e passageiros. Primeiro, accionámos uma mina-comandada e depois seguiu-se um fogo intenso com as balas

vindas de todos os lados. Isto durou, aproximadamente uma hora. Conseguimos salvar, graças à intervenção de 11 milicianos da zona que ao tomarem conta da ocorrência, socorreram-nos prontamente — contou aos alunos das Escolas da Matola, o maquinista Filipe Francisco, deixando ler na sua face a fúria que tem contra os bandidos armados.

O outro maquinista a testemunhar as atrocidades dos bandidos foi Dinis Neves Maluleque. Ele foi atacado com a máquina na zona entre Mabalane e Combomune, em pleno dia. E ele quem a seguir explica:

— Fui atacado na zona entre Combomune e Mabalane. Começou o ataque e o tiroteio nunca mais parou. Juntamente com alguns colegas saltámos para fora da máquina, procurando segurança na mata e penso que foi assim que escapámos. Vagueámos pelo mato durante toda a tarde e só viemos a descobrir Mabalane por volta das 18 horas. Já nem conseguimos andar não obstante termos sido bem tratados pelas pessoas ao longo do caminho. Pediram-nos para descansarmos, mas pesava-nos a responsabilidade de comunicar a ocorrência à Estação de Mabalane, por isso, não ficámos. Mais tarde, viemos a saber que a nossa máquina tinha sido completamente queimada e três mulheres e uma criança tinham perdido a vida — recordou Dinis Neves Maluleque, visivelmente, chocado.

QUANDO A INDIGNAÇÃO VEIO À SUPERFÍCIE

A indignação e o ódio que até aqui cabiam no interior dos alunos, viriam à superfície quando o Major Graça Chongo, afirmou que os bandidos que, entretanto, aguardavam noutra parte da escola, iam ser apresentados para todos dialogarem com eles.

Francisco Fabião Ndima, que era habitante de Magude, foi o primeiro a falar da sua história até se tornar bandido armado.

— Fui raptado no dia 10 de Janeiro deste ano em Magude, onde eu vivia. Na ocasião, estava com o gado a pastar. Eles, chegaram e forçaram-me a segui-los. Levaram uma das cabeças de gado que eu pastava. Pelo caminho, recordo-me, saqueámos bens da população, particularmente, com a vida. Pouco tempo estive com eles. Treinei durante dois meses cá em Moçambique, mas não cheguei a matar — disse Francisco Ndima.

A seguir, foi apresentado Pedro Alberto Macia, que residia no Bairro de Hulene «B», segundo afirmou aos alunos das escolas da Matola.

Nas suas declarações, ele teria sido raptado pelos bandidos armados, depois de uma frustrada tentativa de fuga para a África do Sul, aliciado por um tal Francisco, seu amigo, que lhe havia prometido uma vida fácil. São suas as palavras que registamos a seguir:

Fui raptado na área de Ressano Garcia, este ano, na província do Maputo. Logo a seguir fui treinado na África do Sul, num lugar muito perto da nossa fronteira. Várias vezes me envlaram para o interior de Moçambique a fim de realizar missões de espionagem. Fui preso em Ressano-Garcia, porque não tinha nenhuma documentação — disse Pedro Macia, acrescentando que lá na base os nossos chefes, dizem, ultimamente, que cada um que «arranje-se como puder, pois, já não há esperanças de vitória — disse.